

**Rose Duroux et Stéphanie Urdician (coord.),
Les Antigones Contemporaines (de 1945 à nos jours), Clermont-Ferrand,
Presses Universitaires Blaise Pascal, 2010, 474 pp. [ISBN 978-2-84516-407- 9]**

CARLA SOFIA OLIVEIRA SILVA, Centro de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro5
5 cssilva@sapo.pt

A figura da jovem Antígona tem exercido um enorme fascínio sobre os criadores de todos os tempos, nunca tendo abandonado o imaginário literário universal. Sófocles rendera-se ao poder desta personagem mitológica muito antes de os escritores contemporâneos terem descoberto a sua plasticidade. São diversas e incontáveis as versões deste mito, que resultam do carácter simbólico actualizável, reinterpretável e adaptável da actuação da jovem filha de Édipo perante a decisão arbitrária de Creonte. Os retratos de Antígona são, assim, tão múltiplos quanto as personalidades e as ideologias dos autores que revisitaram a narrativa mítica e tão diversas quanto os tempos da escrita.

Se, por um lado, esta personagem singular representa valores individuais dotados de elevado poder dramático — a resistência individual ao poder arbitrário do Estado —, por outro simboliza ideais e conceitos sociais intemporais, como a revolta, a emancipação, a rebeldia ou o castigo. Efectivamente, para além de figura estética, Antígona assumiu-se, na perspectiva de vários autores, como uma personagem com um forte significado ético.

Pelos valores que simboliza, esta jovem obstinada tem assumido particular destaque nas produções literárias do século XX, ultrapassando largamente o enquadramento mítico inicial e despertando curiosidade entre os teóricos acerca da capacidade de articulação (plena de especificidade) entre a história de Antígona e a contemporaneidade.

Conscientes da profusão de Antígonas contemporâneas e de leituras deste fenómeno de recriação literária, Rose Duroux e Stéphanie Urdician, igualmente seduzidas por esta magnética figura, decidiram tomar em mãos a tarefa de reunir num só volume análises críticas de diferentes recriações do mito, em especial na literatura ibero-americana, sistematicamente ignorada nos estudos que se têm produzido sobre este mito (cf., e.g., G. Steiner ou S. Fraisse). Os ensaios coligidos neste volume (resultantes, maioritariamente, de dois encontros sobre este tema, realizados no Instituto Cervantes de Paris e na Casa das Ciências do Homem de Clermont-Ferrand) convocam os (re)criadores e os destinatários literários para um diálogo no seio da diversidade de Antígonas da segunda metade do século XX, provando que as reconfigurações múltiplas do mito não conduziram à sua banalização ou grotesca deformação. Com uma introdução que é bastante elucidativa quanto aos fundamentos da iniciativa das coordenadoras e que apresenta uma oportuna síntese das características que fazem de Antígona uma figura tantas vezes (e de tantas maneiras) reinterpretada, o livro, dividido em oito capítulos, é extremamente rico, principalmente pela diversidade de autores e de títulos que aborda, ainda que essencialmente de raízes europeias, mas também pelas visões multifacetadas (políticas, culturais, éticas, dramáticas, poéticas, narrativas...) da figura e das reconfigurações e encenações que consegue oferecer.

Assim, na primeira parte da obra, Françoise Duroux, num ensaio intitulado “Antigone dans le noeud des lois”, estuda a Antígona de Sófocles e as múltiplas leituras sociais e culturais que suscita, abrindo caminho às considerações de Michèle Ramond, em “Antigone ou l’inscription symbolique des femmes”, sobre o poder tirânico dos homens face ao poder ético da mulher, representado na figura da jovem Antígona, que encerra em si o ideal democrático, tópico que é retomado como bandeira simbólica por várias escritoras ibéricas contemporâneas. Por sua vez, Ariane Eissen, debruçando-se sobre uma dezena de peças de origem inglesa, francesa e italiana dos últimos vinte anos, oferece-nos, no seu estudo intitulado “Antigone sur la scène contemporaine: analyse d’un changement de paradigme”, uma ambiciosa visão da mudança de paradigma nas reescritas de Antígona pós-Brecht, norteadas pelas profundas alterações sociais e político-económicas. No último trabalho desta parte, Marifé Santiago Bolaños dedica a sua atenção à recriação feita por María Zambrano, em *La tumba de Antígona*.

Na senda das representações deste mito no século XX, o primeiro capítulo da segunda parte “Mises en scène contemporaines d’Antigone”, da autoria de Eleni Papalexiou, analisa três encenações contemporâneas da peça sofocliana, cada uma delas apresentando uma visão diferente da tragédia grega: uma abordagem extrema e exigente do texto pela mão de Marcel Bozonnet e Jean Bollack; uma encenação multicultural sob a orientação de Sotigui Kouyaté; um olhar antropológico do mito por Théodoros Terzopoulos. De seguida, Annie Pibarot, num interessante estudo intitulado “Antigone de Bauchau, un roman sur la transmission théâtrale” reflecte sobre a divergente Antígona de Bauchau, e Mattia Scarpulla aborda a inovadora obra de Katy Deville, *Le Journal d’Antigone*, destinada a um público adolescente.

Composta a partir de textos do mestre Bauchau, esta peça reúne em palco várias disciplinas artísticas.

A terceira parte, ainda que curta, é particularmente interessante, porque diferente das demais, já que nos coloca frente-a-frente com os intérpretes/recriadores do mito nos palcos da contemporaneidade. Annick Allaire conversa com Jeanne Champagne, a propósito de *Antigone, encore*, e Ariane Eissen entrevista Anne Théron sobre a peça *Antigone, Hors-la-loi*. O estudo que inaugura a quarta parte, da autoria de Nadia Mekouar-Hertzberg, introduz-nos no universo das Antígonas narrativas e poéticas, bem como no das Antígonas “ibéricas”, através da atenta abordagem do romance de Rosa Montero, *El corazón del Tártaro*, onde a jovem figura mitológica povoa o imaginário narrativo no anonimato. O ensaio de Béatrice Rodriguez sobre *Melocotones helados*, romance da jovem escritora espanhola Espido Freire, procura astuciosamente evidenciar a presença de Antígona numa versão simbolicamente invertida do mito. De seguida, dois capítulos, respectivamente da autoria de Jean-Pierre Thomas e de Hélène Amrit, são dedicados à recriação da figura mitológica nas narrativas do *Quebeque*, ora nos romances de Réjean Ducharme, ora em *Ça va aller*, de Catherine Mavrikakis. Um estudo sobre a presença do mito de Antígona na obra de Juan Gil-Albert é o penúltimo desta parte, que encerra com uma análise da vertente política de uma obra típica do exílio espanhol durante a Guerra Civil, *La sangre de Antígona* (1954), de José Bergamín. Na quinta parte, subordinada ao tema “Morts sans sépulture”, Agnieszka Stobierska, Cécile Braillon-Chantraine e Maria Beatrice Lenzi analisam a transposição do mito de Antígona para situações contemporâneas de conflito, de guerra e de injustiça social, localizadas espacialmente no campo de batalha de uma Nova Iorque povoada por sem-abrigo insepultados (em *Antigone à New York*, de Janusz Glowacki), num Uruguai oprimido por uma ditadura militar que não sepulta os seus mortos (em *Soñar con Ceci trae cola*, de Carlos Denis Molina) e na aterrorizada Argentina, vítima do poder político repressor (em *Antígona furiosa*, de Griselda Gambaro).

A sexta parte desta riquíssima obra é dedicada às reinterpretações do mito de Antígona no século XX, mostrando a diversidade de adaptações, subordinadas ao tema “Un mythe politique et identitaire”. Primeiro, no teatro flamengo, através do texto de Klaas Tindemans, que aprecia algum radicalismo nos trabalhos de adaptação em detrimento das produções ditas “ortodoxas”; depois, na dramaturgia portuguesa, através das considerações de Maria de Fátima Silva acerca do papel desempenhado por autores influenciados pela evolução histórica e cultural do país, como António Sérgio, Júlio Dantas e António Pedro, na recriação do mito em território nacional. António Sérgio torna Carlos Morais ao debruçar-se sobre o trabalho de actualização do autor em redor da sua Antígona, num texto intitulado “Un exercice d’actualisation et d’exégèse du mythe d’Antigone (A. Sérgio, Jornada Sexta do Pátio das Comédias, 1958)”. A literatura alemã não foi esquecida e o artigo “L’Automne d’Antigone. Le mythe grec et le deutscher Herbst (1977)” de Isabel Capelo Gil discute a produtividade cultural deste mito numa época perturbada por acções terroristas (1976-1977). Acresce à panóplia de reinterpretações estudadas a de María Xosé Queizán, autora de Antígona, a força do sangue, que, de acordo com Méliisa Fox-Muratón, nos oferece uma visão marginal do mito, mais devotada ao combate da globalização e da modernidade, numa língua minoritária como a galega. Esta parte do livro encerra com o estudo de Monica Fiorini sobre a figura de Antígona na obra de María Zambrano (autora já abordada noutro passo deste volume), que reflecte acerca da agonia da Europa.

Finalmente, as sétima e oitava partes são dedicadas à peça Perdição. Exercício sobre Antígona, de Hélia Correia, autora convidada, que apresenta também uma belíssima intervenção intitulada “La poussière dorée”. Sobre esta dramaturga portuguesa e a sua recriação do mito escrevem Inês Alves Mendes que, em “Perdição de Hélia Correia: ambigüités, ironies et espoirs d’une Antigone contemporaine” sublinha a ruptura do texto português com o modelo sofocliano, e Cidália Ventura, que reflecte acerca da presença do coro na reinterpretação dramática de Hélia Correia. A encerrar o volume, Eugénia Pereira (Parte 8) oferece-nos uma cuidada e rigorosa tradução para o francês (a primeira) do texto de Hélia (Perdition. Exercice sur Antigone), ilustrada com fotografias da encenação desta obra em palcos portugueses.

Saúde-se a magnífica iniciativa quer das coordenadoras do volume, Rose Duroux e Stéphanie Urdician, quer da Universidade Blaise Pascal, que decidiu apoiar a publicação deste volume, bastante agradável no seu aspecto gráfico e fácil de consultar, a partir dos resumos dos artigos, apresentados no final do livro, e do índice, organizado de forma simples mas eficaz.